

ASALA DE AULA: AMBIENTE ALFABETIZADOR NECESSÁRIO PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES¹

Tânia Regina Lobato dos Santos²
Clayde Anne Evangelista e
Cláudia Telma da Cruz Lima³

Resumo

- Neste artigo estaremos apresentando algumas reflexões sobre o ato de alfabetizar por acreditarmos, assim como Emília Ferreiro, que a escola atua como facilitadora deste processo tendo a consciência, portanto, que não é o único meio. Falaremos também sobre a importância de formar leitores, sempre interessadas com um leitor crítico que possa perceber o mundo que o cerca, o mundo da palavra, podendo ser sujeito e fazer sujeitos, chegando assim na importância que o educador poderá ter na formação desse leitor que a sociedade precisa, ou melhor, necessita. Para isso, o educador terá que criar ambientes na sala de aula que estimule a leitura, mostrando sua importância para a vida humana.
- *Palavras-chave:* alfabetizador, ambientes alfabetizadores, leitores críticos

Após 1980, passa a ser divulgado internacionalmente o trabalho pioneiro de Emília Ferreiro sobre os processos de aquisição da linguagem escrita em crianças pré-escolares, questionando a eficácia dos métodos tradicionais de alfabetização.

Ana Teberosky, também muito tem colaborado com Ferreiro quanto aos estudos voltados para a dimensão pedagógico-metodológico do ensinar a ler e escrever, bem como na construção de uma pedagogia da linguagem escrita numa perspectiva construtivista.

Houve um período que leitura e escrita eram compreendidas de modo diferente, separadas e sucessivas no tempo, e os métodos utilizados eram aplicados somente na educação privada.

A leitura, ao longo do tempo, vai perdendo seu caráter público e sonoro (saraus, aula essencialmente oral) e se transforma numa forma silenciosa, dinâmica, íntima do leitor se divertir, se informar, se orientar, imaginar, criar, participar.

O ato de ler não é somente um ato cognitivo, mas principalmente um ato entre os indivíduos. Sendo ele um processo complexo, requer o engajamento de fatores como percepção, memória e atenção. E esse ato de comunicação verbal, envolve uma relação

Comunicação Universitária:
Revista do Centro de Ciências
Sociais e Educação.
Belém, Nº 5, 2004

¹Pré-Projeto de Monografia em Educação Infantil, sob orientação da Profª Drª Tânia Regina Lobato dos Santos.

²Doutora em Educação, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Professora da Graduação e da Pós-Graduação da Universidade do Estado do Pará – UEPA.

³Discentes da turma de Especialização em Educação Infantil – Concluintes – Belém - 2004.

cooperativa entre emissor e receptor, que transmite intenções e conteúdos.

Cada leitura e cada leitor possuem um caráter único e individual, onde se estabelece objetivos e expectativas de leitura por parte do leitor. Assim, o leitor precisa ter conhecimento que para um mesmo texto são possíveis diversas leituras, isto porque ele sofre influências da afetividade, ou seja, um mesmo texto lido num momento de emoção, de cólera ou de perfeita serenidade, será aprendido de forma diferente.

Para a escola, a criança deve aprender a ler numa faixa etária determinada (alfabetização). No entanto, uma verdadeira aprendizagem de leitura não se concretiza em períodos pré-determinados por algo ou por alguém, mas ao longo de toda a escolarização do aprendiz, excedendo os limites da simples associação de signos e sons, indo em direção ao aprimoramento das técnicas e do sentido da leitura,

com influências significativas de seu ritmo de aprendizagem e do meio social a que pertence. Assim, há cinco níveis de leitura: pré-leitura, leitura compreensiva, leitura interpretativa, iniciação a leitura crítica e leitura crítica.

A pré-leitura é o período de alfabetização, utilizando-se bastante da linguagem visual. No período do primeiro ciclo do ensino fundamental, a leitura compreensiva permite a criança compreender sílabas, palavras e frases.

No segundo ciclo do ensino fundamental, a criança já é capaz de interpretar as idéias principais do texto, uma vez que se desenvolveram habilidades como classificar, ordenar e enumerar dados.

Quando as operações abstratas estão amadurecidas, o aprendiz começa a desenvolver a criticidade e termina somente na idade adulta, durante o ensino médio.

O ato de ler segundo Borges (2001) passa pela compreensão das relações entre pensamento e linguagem. Dentro dessa relação estão os estudos de psicologia genética realizados por Piaget e Vygotsky sobre a gênese da capacidade de compreensão e da própria linguagem, sobre o ato de ler e o ato de ensinar a ler.

Emilia Ferreiro para estimular a leitura na sala de aula propôs a criação dos ambientes alfabetizadores, a fim de incentivar a organização de espaços onde possa se mostrar o universo da linguagem escrita através de suas diversas formas e

estilos.

A necessidade de se organizar na sala de aula esses ambientes foi verificada por Ferreiro quando percebeu que cada criança tem um ritmo individual de se tornar íntima da leitura ou não, que passa pela estreita relação com seu convívio com os diferentes textos, além de perceber também que as crianças que convivem com pais letrados e se utilizam freqüentemente do código escrito, logo aprendem a ler, enquanto que crianças que não têm contato com a língua escrita demoram a compreender o processo da língua.

Para Ferreiro, o não conhecimento das funções sociais da leitura e escrita não impede que as crianças mantenham a idéia de que o que se escreve são os nomes dos objetos, essa ausência de conhecimento também é compatível com a mesma de que os textos servem para exemplificar sobre este objeto. Por isso a autora acredita que haja necessidade de ampliar o conceito de ambiente alfabetizador acatando o desafio de trazer o mundo da criança para dentro da escola. Já que alfabetizar crianças está muito além de fazer conhecer letras e sons, decifrando códigos da escrita. Alfabetizar requer fazer conhecer o mundo que nos cerca. Portanto, fazer parte de uma sociedade que fez de seu mundo, um mundo envolvido de letras por todos os lados, cheios de significados. Como cita Rubem Alves:

“...não há nada de importância maior que o ensino do prazer da leitura. Todos falam da importância de alfabetizar, saber transformar símbolos gráficos em palavras. Concordo. Mas isso não basta. É preciso que o ato de ler dê prazer.”

É como tornar a leitura prazerosa? Freud diz que o prazer está no inconsciente, basta estimulá-lo. Partindo desse princípio é que a leitura para a criança tem que atingir suas fantasias, seus medos, suas angústias, etc.

É por que não estimular a prática da leitura desde a educação infantil num ambiente alfabetizador de sala de aula?

Freire (2001), fala da importância de momentos do cotidiano para o universo da linguagem (oral, escrita), esta leitura de mundo que é muito mais significativa para a criança do que o “bé-a-bá” dos livros. Resgatar histórias, lembranças dos mais velhos, suas crenças, gostos, receios, valores, é uma forma fantástica de fazer leituras. Ele diz:

“... na medida, porém, em que me fui tornando íntimo do meu mundo em que melhor percebia e o entendia na ‘leitura’ que dele ia fazendo, os meus temores iam diminuindo (...)”.

Mesmo assim, ele diz não ter se tornado um adulto em miniatura, mas a partir dessa rica experiência de compreensão do seu mundo imediato, que foi

Comunicação Universitária:
Revista do Centro de Ciências
Sociais e Educação.
Belém, Nº 5, 2004

introduzido no mundo da palavra. Sem fazer rupturas dessa realidade, mas fazendo da “leitura da palavra a leitura da palavramundo”.

Assim, Ferreiro afirma que o desenvolvimento da criança em fase de alfabetização está relacionado com o meio em que vive e esse processo inicia-se com a interação dela com as letras.

O processo de leitura na criança inicia-se quando associa as imagens e sons, quando ao ver um livro, mesmo que não saiba ler, consegue contar sua história. Uma vez que existe criatividade para produzir seu texto, a criança sente-se atraída pelo formato do livro, pela possibilidade de abri-lo e decifrar seus mistérios. Porém, a escola com seu ensino sistematizado e massante despreza essa leitura, passando ao formalismo, onde é imposta a tarefa decifrar códigos, deixando para trás a leitura da palavramundo.

Como Silva (1998) cita, as crianças são facilmente alfabetizáveis desde que descubram, através de contextos sociais funcionais, que a escrita e a leitura são objetos interessantes que merecem ser conhecidos.

Mas em se tratando do universo a que se destina a pesquisa (educação infantil - 5 a 6 anos), que resultou neste artigo, a linguagem e a realidade devem estar entrelaçadas dinamicamente, pois é na alfabetização que se cria ou se monta a expressão escrita da expressão oral. E esta montagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o educando.

Para a criança, a leitura do mundo que a rodeia antecipa o aprendizado sistemático da leitura e escrita. Isso é facilmente percebido quando se faz a leitura de histórias livres sobre assuntos específicos – animais, meios de transporte, poesia – de uma notícia de jornal, receita de cozinha, bilhetes, etc. Esses fatores são importantes para que a criança construa por si própria as diferentes funções da escrita e seus diferentes contextos.

Para que este processo seja prazeroso, Paulo Freire (2001) fala da importância do ato de ler principalmente o mundo que cerca a criança, antes de começar a decifração do código escrito. E este prazer surge quando a criança faz atividades que estimulem sua criatividade, sua liberdade de movimentos através de jogos pedagógicos e lúdicos. No ato de aprender a ler, se associarmos ao prazer (Alves, 2001), estaremos dando significado especial a esse ato. Sendo assim, a criança envolvida com a descoberta de novos desafios, viria descobrir os prazeres que a leitura e a escrita poderá lhes proporcionar.

O aprendizado da língua deve ser algo significativo

que proporcione ao aluno um interesse maior em aprender a ler, porque “ler é crescer e fazer parte” e não somente uma “obrigação” do processo cognitivo.

Nesse sentido é que Ferreiro (1993) diz que *“a escrita e a leitura são importantes na escola, porque são importantes fora da escola, e não o inverso”*.

Enfim, trabalhar com crianças na faixa etária da educação infantil não é nada fácil, precisamos estar preparadas para envolvê-las a todo instante com o código da escrita, não podendo é claro, exagerar na dose e criar expectativas quanto à aprendizagem delas, causando em nós mesmos uma ansiedade que só nos causará medo e frustrações.

Para ensinar na educação infantil, deve-se conhecer as crianças, para que de forma gradual possa-se criar um ambiente onde aprender é muito mais importante do que ensinar. Pois é com elas que se aprende realmente o que se precisa para seguir em frente. E elas são capazes de ajudar o professor a criar esses ambientes alfabetizadores que são únicos, como afirma Mairce Araújo (Kato, 2002): *“só será um ambiente alfabetizador se incorporar à atualidade cultural da criança e sua história que contém o presente e o passado de seu grupo sócio-cultural”*. Não adiantando trabalhar com receitas alfabetizadoras, pois o universo infantil é diferente em cada contexto.

O que se verifica é que para dar sentido ao que se propõe a fazer é preciso encontrar a essência de educar. O que adianta saber fazer tudo isso, se não se é capaz de ouvir a criança, porque não se tem tempo ou porque se está cansada? Precisa-se mudar a postura do professor em sala de aula. Estará se criando ambientes alfabetizadores querendo o aluno o tempo todo sentadinho, quietinho, caladinho, sem nada questionar? Antes de pensar em estimular o prazer da criança pelo aprender, precisa-se pensar em estimular o trabalho, o fazer pedagógico do professor.

O aprendizado da língua deve ser algo significativo que proporcione ao aluno um interesse maior em aprender a ler, porque “ler é crescer e fazer parte” e não somente uma “obrigação” do processo cognitivo.

É por este caminho que precisamos pensar em ambientes alfabetizadores. Fazer de nossas salas de aula, um espaço para que o aluno possa escolher sobre o que ele quer ler e assim, estaremos além de alfabetizando, mostrando um caminho para que a leitura e a escrita façam parte de seu mundo, que ele se torne um bom leitor, ou seja, que

Comunicação Universitária:
Revista do Centro de Ciências
Sociais e Educação.
Belém, N° 5, 2004

busque significados da língua para sua vida cotidiana e seja realmente letrado, que não está ligado apenas a condição de saber ler e escrever, mas cultivar e exercer as práticas sociais que usam a escrita.

Nos aproximando mais da Educação Infantil na escola onde trabalhamos, passamos a ter um olhar bem diferente da função da Educação Infantil, podendo assim, perceber algumas estratégias dos profissionais das classes de Alfabetização onde nos chamou a atenção o interesse das crianças pelos cartazes da sala sobre aves e peixes. Percebemos que o primeiro interesse das crianças foi pelos desenhos, com alguns dias, passaram a se interessar pelos nomes científicos dos animais e por último, os textos sobre eles, tanto no cartaz das aves quanto dos peixes. Esta nossa observação, nos permite afirmar que os interesses das crianças também podem ser estimulados pelo meio em que vivem, assim como Emília já nos apontou um dia. Por isso, também acreditamos na criação de ambientes que possam desenvolver com eficácia o desenvolvimento da leitura e escrito no contexto do envolvimento das crianças no convívio escolar.

Mas de que forma fazer?

Não pretendemos fazer relações para receitar aos profissionais da educação infantil apontando como devem ou não proceder, pois cada um tem uma realidade diferente de sala de aula. Porém, algumas observações focalizarão abaixo:

- a) As crianças deverão estar envolvidas com as atividades propostas, elas também poderão propor, sabem do que gostam.
- b) Ter o cuidado com a decoração da sala é importante, o excesso de bichinhos para enfeitar a nossa sala de aula é atrativo por algum tempo, depois não é mais. Não estamos decorando para uma festa de aniversário.
- c) Ler muito para as crianças. Não só histórias infantis, poemas infantis, mas é importante intera-la de manchetes de jornais, cartas pessoais, aqueles comunicados aos pais e porque não também fofocas sobre novelas, elas gostam!

d) A novidade deve estar sempre presente na educação infantil, as crianças são curiosas e devem cada vez mais ser estimuladas na busca pelo novo.

e) Escrever para as crianças também é muito importante, mesmo sem saber ler, quando ela descobre o que está escrito, sai contando a todos.

com a satisfação de quem decifrou um código importante dos adultos: o código da escrita.

A revista *Ensino Superior* (nº 41), revelou a existência do analfabeto funcional (indivíduo que sabe ler, escrever, sem compreender o que leu). Na edição, Daniel Moreira, estudioso da área, diz que o analfabeto funcional é “alguém que não está preparado para *funcionar* em sociedade, trabalhar e enfrentar os desafios corriqueiros da vida profissional e também para usufruir os benefícios da sociedade letrada (...)”. A reportagem revela ainda que, 74% dos estudantes do ensino médio no Brasil são analfabetos funcionais.

Revelações que preocupam professores, pesquisadores, gestores estaduais, nacionais e até organizações internacionais e certamente sua origem é antiga. Começa desde a educação infantil perpetuando de nível a nível na educação brasileira. É nesse contexto, que a pesquisa que propomos a fazer deve vir revelar de que maneira o ambiente alfabetizador pode estimular a formação de leitores práticos já na educação infantil, quando o processo de desenvolvimento de leitura é iniciado.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência o dilema da educação**. 6ª ed. São Paulo: Loyola, 2001.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. 2ª ed. Coleção Magistério 2º grau. Série Formação do Professor. São Paulo: Cortez, 1994.

BORGES, Teresa Maria Machado. **Ensinando a ler sem silabar**. 2ª ed. São Paulo: Papyrus, 1998.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 41ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1993.

KATO, Mary. **A concepção da escrita pela criança**. 3ª ed. São Paulo: Pontes, 2002.

_____. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

Comunicação Universitária:
Revista do Centro de Ciências
Sociais e Educação.
Belém, Nº 5, 2004

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor – Aspectos Cognitivos da Leitura.** São Paulo: Pontes, 1989.

LEITE, Regina Garcia. **Novos Olhares sobre a Alfabetização.** 2ª ed
São Paulo: Cortez, 2001.

ROSA, Sanny S. da. **Construtivismo e mudança.** 5ª edição. São Paulo:
Cortez, 1997.

Comunicação Universitária:
Revista do Centro de Ciências
Sociais e Educação.
Belém, Nº 5, 2004